

Juventudes: territórios de sentido em espaços contemporâneos

Youths: territories of meaning in contemporary spaces

Joel Luis Dumke¹
Elize Huegel Pires²

Resumo: Trata-se de um estudo teórico que discute a formação das identidades das juventudes a partir de suas relações sociais e culturais. Aborda-se o tema da formação das identidades, tomando as juventudes como uma condição juvenil que se forma e se reforma dentro de um contexto líquido-moderno. O texto busca salientar a importância de se estabelecer relações sólidas e afetivas entre jovens e a escola, embora ainda haja dificuldades para essa consolidação, levando em consideração a premissa de que existem cegueiras epistemológicas que apresentam as juventudes como grupos diabolizados, cheios de marra, difíceis de lidar. Busca-se mostrar com este estudo que existem culturas que impedem que o jovem entre na escola como um jovem, salvo na condição de aluno, deixando do lado de fora sua história, sua vida social e cultural, sua identidade. Para tanto, faz-se necessário a discussão acerca de um espaço

escolar mais aberto às diversidades culturais e às diferentes maneiras de ser jovem e viver a juventude dentro da escola enquanto um espaço de cuidado.

Palavras-chave: Juventudes; Identidades; Escola.

Abstract: It is a theoretical study that discusses the formation of the identities of youths from their social and cultural relations. It deals with the theme of the formation of the identities taking the youths as a youth condition that is formed and is reformed within a liquid-modern context. The text aims at stressing the importance of establishing solid and affective relationships among young people and the school, although there are still difficulties for this consolidation, taking into account the premise that there is an epistemological blindness which features the youths as deviled groups, full of violence, difficult to deal with. We try to show

¹ Teologia com ênfase em Educação Cristã pela Faculdade EST (2005). Especialização em Gestão do Cuidado para uma Escola que Protege pela Universidade Federal de Santa Catarina (2011). Mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação do UNILASALLE (2012). E-mail: joeldumke@unilasalle.edu.br

² Graduada em Letras – Licenciatura – Habilitação: Português pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS (2006). Mestre em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Assessora Pedagógica na área da Linguagem da Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo – SMED NH. Coordenadora Regional do Curso de Pós-Graduação Especialização em Gestão do cuidado para uma escola que protege pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. E-mail de contato: elizepires@novohamburgo.rs.gov.br

with this study that there are cultures that prevent that the youngster enters the school as a youngster, except on the condition as a student, leaving its history, his/her social and cultural life and his/her identity outside of the school. To accomplish all this will require the discussion of a more open school space to the cultural diversities, and to the different ways of being young and to live the youth in the school while a space of care.

Keywords: Youth; Identities; School

Resumen: Se trata de un estudio teórico que discute la formación de las identidades de los jóvenes a partir de sus relaciones sociales y culturales. Aborda la cuestión de la formación de la identidad de la juventud como una condición juvenil que se forma y reforma en el contexto líquido-moderno. El texto tiene como objetivo

hacer hincapié en la importancia de establecer relaciones sólidas y afectivas entre la juventud y la escuela, mientras hay dificultades en esta consolidación, teniendo en cuenta la premisa de que hay cegueras epistemológicas que han satanizado a grupos como los jóvenes, llenos de manera más dura, difícil de acuerdo. Se busca mostrar en este estudio que hay culturas que impiden a los jóvenes ingresaren en la escuela, excepto como un estudiante, dejando la parte exterior de la escuela su historia, su vida social y la identidad cultural. Por lo tanto, es necesario el debate en torno a un ambiente escolar más abierta a la diversidad cultural y las diferentes formas de ser joven y vivir su juventud dentro de la escuela como un espacio de cuidado.

Palabras clave: Juventud; Identidad; Escuela.

Introdução

Com a finalidade de discutir a formação das identidades de jovens e sua relação com a escola, busca-se dialogar com Freire (1992; 1996; 2000); Bauman (1998; 2001; 2005; 2007) Hall (2005) e Dayrell (2003; 2007) as construções das identidades de juventudes na sociedade contemporânea a partir de suas relações sociais e culturais. O artigo apresenta uma base teórica do tema das juventudes contemporâneas compreendidas por Dayrell (2003; 2007) como uma “condição juvenil”, espaço onde as identidades dos jovens são construídas em contextos de incertezas enquanto condições sociais, culturais, econômicas, políticas e religiosas.

Como ponto inicial, faz-se necessário compreender as juventudes como parte de um “processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma” (DAYRELL, 2003, p. 42).;

Bauman (2005) e Hall (2005) entendem que a identidade assumiu a forma de uma experimentação infundável sendo formada e reformada por meio de representação no mundo enquanto se funde na incerteza, no sonho, no pesadelo, no visível e no invisível. Enquanto imersos em um contexto apresentado como

incerto, onde nada se é e nada se vale sem um olhar de cuidado e de acolhida do outro, o que se apresenta como um grande desafio para as juventudes contemporâneas é a busca da visibilidade, da sobrevivência e da construção de um possível projeto de futuro em um espaço onde existem “os de dentro” e “os de fora”;

Em seguida, aborda-se a relação aluno-escola como pressuposto de que é nesse espaço que nasce um dos grandes desafios da educação, a relação das juventudes com a escola. Dayrell (2007) escreve que “quando o jovem adentrava naquele espaço, deixava sua realidade nos seus portões, convertendo-se em aluno, devendo interiorizar uma disciplina escolar e investir em uma aprendizagem de conhecimentos.” (DAYRELL, 2007, p. 1119).;

É sabido que, na comunidade contemporânea, a escola é invadida por complexas interações juvenis que apresentam modos de expor suas identidades. As demarcações de identidades e os estilos na formação do “eu” se apresentam de maneira individual e coletiva, o que chama a atenção de Freire (1996; 2006) quanto à discussão acerca dos modos de se fazer educação nas escolas;

Esse aspecto é discutido por Freire também na obra **Pedagogia da Esperança** quando o autor acena para a educação como espaço de esperança e transformação da sociedade. O autor acredita ser necessário questionar a política e os modos de ensino nas escolas sendo possível o ensaio da pergunta: Qual a contribuição da educação para a formação das juventudes? Qual a implicação da educação para o sucesso dos jovens na escola?;

Dayrell faz uma provocação interessante quando dá ao seu artigo o seguinte título: *A escola faz as juventudes?*. No mesmo artigo, o autor escreve que as juventudes “[...] estão dizendo que não querem tanto ser tratados como iguais, mas, sim, reconhecidos nas suas especificidades, o que implica serem reconhecidos como jovens, na sua diversidade [...]” (DAYRELL, 2007, p. 1125).;

Essa discussão se insere em uma sociedade que vive momentos de rápidas mudanças que atingem também a escola. Para tanto, a discussão principal desse artigo é estruturada por duas questões norteadoras que se desenvolvem durante o estudo. Na seguinte ordem, procura-se compreender a construção das identidades das juventudes na sociedade contemporânea e a relação dos jovens com a escola.

2 Juventudes contemporâneas: modos de ver

Uma pesquisa realizada em 2004, pela UNESCO, intitulada **Políticas públicas de/para/com as juventudes**, define a categoria juventude como “um período do ciclo da vida em que as pessoas passam da infância à condição de adultos e, durante o qual, se produzem importantes mudanças biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que variam segundo as sociedades, as culturas, as etnias, as classes sociais e o gênero” (UNESCO, 2004, p. 23). Apresentada como um período do ciclo de vida no qual se produzem inúmeras mudanças biológicas, psicológicas, sociais e culturais, a categoria juventude é entendida como um processo de formação construído por etapas que variam de acordo com a sociedade na qual o

jovem está inserido. Freitas (2005), para designar a dinamicidade e a permanente evolução do conceito de juventude, concebe a categoria como uma construção social, histórica, cultural e relacional. Segundo a mesma autora,;

[...] a noção mais geral e usual do termo juventude, refere-se a uma faixa de idade, um período de vida, em que se completa o desenvolvimento físico do indivíduo e ocorre uma série de transformações psicológicas e sociais, quando este abandona a infância para processar sua entrada no mundo adulto. No entanto, a noção de juventude é socialmente variável. A definição do tempo de duração, dos conteúdos e significados sociais desses processos se modifica; de sociedade para sociedade e, na mesma sociedade, ao longo do tempo e através de suas divisões internas. Além disso, é somente em algumas formações sociais que a juventude configura-se como um período destacado, ou seja, aparece como uma categoria com visibilidade social. (FREITAS, 2005, p. 13)

Dayrell (2003), por sua vez, acrescenta que há uma série de imagens que dificultam a compreensão sobre o que é, na sua realidade, o sujeito jovem. Para o autor, a imagem mais arraigada “[...] é a juventude vista na sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é um “vir a ser”, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente [...]” (DAYRELL, 2003, p. 40). O referido autor aproxima-se da compreensão de Freitas (2005), quando observa que os critérios que constituem as juventudes são históricos, culturais e construídos no seio de uma comunidade multicultural. Dayrell (2003) ainda escreve que:

[...] construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta. (DAYRELL, 2003, p. 42)

É preciso compreender as juventudes como parte de um processo mais amplo onde os sujeitos se desenvolvem na sociedade. Faz-se necessário superar a leitura onde as juventudes são reduzidas a uma passagem da vida. O texto compreende as juventudes na construção de sua história, influenciada, sim, pelos meios sociais e culturais. O que significa, nesse sentido, que não existe um único modo de ser jovem.

2.1 Contextos, conflitos e perspectivas

Uma característica apontada por Bauman (2005; 2007) para os desencontros contemporâneos são percebidos por Abramovay e Esteves (2007) no artigo intitulado **Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas**, quando é explanada a percepção de que estaríamos vivendo um período histórico difícil e conturbado, ordenado por recentes crises que são percebidas nas diferentes escalas sociais. Segundo o estudo, há uma “descrença no presente, desesperança no futuro e, em decorrência desse quadro, surgimento e permanência de um sen-

timento nostálgico de revalorização do tempo passado, compondo um cenário cujo elemento mais constante seria, explícita ou implicitamente, o pessimismo” (ABRAMOVAY; ESTEVES, 2007, p. 19). Nesse contexto, busca-se pensar um conceito de juventude que, segundo os autores acima referidos

[...] é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo. (ABRAMOVAY; ESTEVES, 2007, p. 21)

Trata-se de compreender os jovens como sujeitos sociais e, como tais, como jovens que constroem um mundo dentro de um contexto, de uma sociedade cada vez mais globalizada, razão pela qual se compreende a ideia de juventudes – no plural – enquanto uma condição juvenil. Nesse sentido, é necessário compreender a noção de juventudes à noção de sujeitos socialmente construídos. Com isso, talvez, o grande desafio seja entender a mutação de valores num mundo cada vez mais individualista e líquido, onde as pessoas têm cada vez menos identidade, mais identificação.

2.2 Identidades: referenciais e limitações

No que diz respeito aos atores sociais, entende-se por identidade a construção de significados com base em um conjunto de atributos sociais e culturais inter-relacionados. A identidade pode ser entendida como um processo construído no dia a dia, na comunidade, na relação entre pessoas. Ela “nasce da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o *deve* e o *é* e ergue a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pelas ideias” (BAUMAN, 2005, p. 26).

Acredita-se que não é mais possível viver a busca de uma identidade concreta, uma vez que, atualmente, as identidades são formadas no distanciamento de posições extremas. Em seu livro intitulado **Identidade**, Bauman (2005) escreve que “as pessoas em busca de identidade se veem invariavelmente diante da tarefa intimidadora de alcançar o impossível” (BAUMAN, 2005, p. 16). Buscar a identidade no contexto da contemporaneidade significa viver dilemas inquietantes e escolhas obstantes, todas geradoras de perguntas, desassossegos e desconforto. Lipovetsky (2005) acrescenta que a identidade aparece como campo de indefinição e muita incerteza. Segundo ele,

[...] a erosão das referências do Eu é a réplica exata da dissolução hoje em dia sofrida pelas identidades e pelos papéis sociais, antigamente estritamente definidos, integrados que estavam nas posições uniformes: dessa maneira, os *status* da mulher, do homem, da criança, do louco, do civilizado etc. entraram em um período de indefinição, de incerteza, no qual a interrogação sobre a natureza das “categorias” sociais não para de se desenvolver. (LIPOVETSKY, 2005, p. 40)

A construção da identidade é um processo social e cultural integrado que se realiza dentro de um processo histórico. As juventudes, por exemplo, constroem suas identidades através de relações, sejam estas as mais diversas, levando em conta as diferentes correntes e grupos. O ser humano é sujeito de relações, de desejos, de sonhos, de histórias, sendo movido por estes enquanto se relaciona com outros sujeitos.

Por meio dessa leitura, pode-se compreender que as relações com as outras pessoas são espaços de construção de novas/outras identidades, uma vez que as identidades na sociedade contemporânea assumiram a forma de uma experimentação infundável onde a busca, a escolha, a construção e a confirmação acontecem dentro de um determinado espaço social. Bauman (2005) ilustra essa passagem quando escreve que as identidades podem ser construídas como um leve manto que a qualquer momento pode ser despido.

Qual das identidades alternativas escolher e, tendo-se escolhido uma, por quanto se apegar a ela? Se no passado a arte da vida consistia principalmente em encontrar os meios adequados para atingir determinados fins, agora se trata de testar, um após o outro, todos os infinitamente numerosos fins que se possam atingir com ajuda dos meios que já se possui ou que estão ao alcance. [...] Os experimentos jamais terminam. Você assume uma identidade num momento, mas muitas outras ainda não testadas estão na esquina esperando que você as escolha. Muitas outras identidades não sonhadas ainda estão por ser inventadas e cobiçadas durante a sua vida. Você nunca saberá ao certo se a identidade que agora exhibe é a melhor que pode obter e a que provavelmente lhe trará maior satisfação. (BAUMAN, 2005, p. 90-91)

Compreende Hall (2005) que o homem da modernidade tinha uma identidade definida e localizada no mundo. Se antes as identidades eram sólidas e os sujeitos se encaixavam socialmente, hoje o novo paradigma de identidade se encontra em um plano com fronteiras menos definidas. O conceito de identidade é demasiadamente complexo. A época moderna dá vida a uma nova forma de indivíduo da qual nasce o sujeito individual e sua “nova” identidade, sempre inacabada, incompleta, sempre em processo de formação. A identidade se apresenta como uma falta de inteireza que é “alimentada” a partir das relações exteriores e pelas formas de como somos vistos por outros.

A identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social; vinculação a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação etc. A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente. Mas identidade social não diz respeito unicamente a indivíduos. Todo grupo é dotado de uma identidade que corresponde à sua definição social, definição que permite situá-lo no conjunto social. A identidade social é ao mesmo tempo inclusão e exclusão: ela identifica o grupo (são membros do grupo os que são idênticos sob certo ponto de vista) e o distingue dos outros grupos (cujos membros são diferentes dos primeiros sob um mesmo ponto de vista). Nesta perspectiva, a identidade cultural aparece como uma modalidade de caracterização da distinção nós/ eles, baseada na diferença cultural. (CUCHE, 1999, p. 177)

A ênfase na identidade não é sobreposta sobre a herança biológica do indivíduo, mas na herança cultural, ligada à socialização do indivíduo com seu grupo cultural em seu espaço de relações sociais. O referido autor acrescenta que “a construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes, e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas” (CUCHE, 1999, p. 182). Ao mesmo tempo, deve-se considerar que as identidades se constroem e se reconstroem constantemente quando acontecem as trocas sociais.

Essa posição é contrária à concepção que compreende que as identidades são atributos originais incapazes de evoluir. Nenhum sujeito está impedido ao desenvolvimento de sua identidade. A essência originária do indivíduo humano não está dentro dele mesmo, mas sim fora, em uma posição excêntrica, no mundo das relações sociais. Nesse sentido, a identidade nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto.

3 Territórios, experiências e desenvolvimento

Partindo da premissa de que, na comunidade contemporânea, a escola é invadida por complexas interações juvenis, onde as mesmas apresentam sua maneira de vestir e de mostrar que esse sou “eu”, pode-se supor que as demarcações de identidades e estilos na formação do “eu” se apresentam de maneira individual e coletiva dentro e fora da escola. Na análise de Dayrell (2007), vê-se que, quando os jovens entram na escola, são obrigados a assumirem uma condição de alunos, deixando nos portões sua condição de jovem, de filho, de irmão, de pai.

Os jovens alunos das periferias buscam reconhecimento do seu eu na sua diversidade, na construção de seus projetos de vida, de conhecimento, de aprendizagem e de autonomia e liberdade para a construção das suas identidades. A escola busca atender às demandas existentes, utilizando saberes e habilidades que se mostram ineficientes frente a um conjunto de fatores identitários presentes em um contexto líquido-moderno.

Salienta-se que, em especial, os professores enfrentam dificuldades que não são geradas especificamente na escola, mas que prejudicam os trabalhos educacionais. Dentro desse contexto, faz-se necessário pensar em espaços de convivência e afetividade. Ortega e Rey (2002) creem na importância de se estabelecer relações afetivas com os alunos, assim como domínio e equilíbrio emocional. Trata-se de se trabalhar uma gestão de convivência e afeto com os alunos de forma com que se tenha o domínio dos códigos para ingressar e fazer parte dos grupos, desenvolver sentimentos e se envolver com as estruturas de comunicação, assim como estabelecer laços de amizade e confiança. Faz-se necessário ter um olhar para a vida do jovem aluno enquanto sujeito integral, com história, crença, valores, atitudes e identidades. Os autores veem a importância de se pensar em uma gestão do cuidado como leitura de mundo além do aluno, uma vez que uma escola que cuida não deve apenas teorizar questões relacionadas ao cuidado, lógico, mas tratar de criar e desenvolver movimentos práticos enquanto ensinamento vivido diariamente.

Torna-se evidente que as escolas foram invadidas pela cultura juvenil híbrida, o que não significa que a condição de ser jovem é aceita pela escola. Ser notado se faz, hoje, um importante mecanismo de comunicação no sentido de ser compreendido como esse sou EU. A visibilidade ou a invisibilidade na formação das identidades no contexto contemporâneo se apresenta enquanto reflexo de um contexto no qual as relações são instáveis e no qual a construção de laços de respeito pelo outro se rompem enquanto ainda são construídos.

A construção do eu acontece nas interfaces sociais e nos mecanismos culturais desencadeados nos contextos sociais. Ser visto pelos olhos dos outros é um exercício interessante para compreender como sou notado ou sentido em um espaço educativo na construção de um projeto de vida. Ser notado ou se fazer visível é processo de construção de caminhos tênues enquanto sujeito mergulhado em relações sociais. Com Soares (2004), compreendemos que as identidades somente existem no olhar do outro. O autor enfatiza que as construções das identidades só existem no espelho, por meio do espelho que é o olhar dos outros, por meio do reconhecimento dos outros.

[...] é a generosidade do olhar do outro que nos devolve nossa própria imagem ungida de valor, envolvida pela aura da significação humana, da qual a única prova é o reconhecimento alheio. Nós nada somos e nada valem sem o olhar alheio acolhedor, se não somos vistos, se o olhar do outro não nos recolhe e salva da invisibilidade – invisibilidade que nos anula e que é sinônimo, portanto, de solidão e incomunicabilidade, falta de sentido e valor. (SOARES, 2004, p. 132-133)

Giron (2010) reforça que o que Soares (2004) escreve quando narra que os resultados da formação de uma pessoa se devem aos meios onde ela vive, onde ela constrói sua vida individualmente e coletivamente. Para tanto, faz-se necessário observar uma série de cuidados para a formação dos sujeitos:

Na falta de proteção e de cuidado para com as crianças e os adolescentes, esconde-se a inexistência de uma relação amorosa, a falta de reconhecimento da condição peculiar infantojuvenil; a incapacidade prática de valorizá-los como sujeitos de direitos. A não escuta às suas necessidades provoca profunda adulteração em seu crescimento pessoal e lhe atribui referências negativas sobre como as pessoas convivem na coletividade. Crianças e adolescentes negligenciados, ao viverem situações de abandono, de privação e de exposição aos riscos, estarão sendo “formados” pelos adultos para a possibilidade de tornarem-se adultos violentos, à medida que são essas as referências culturais e afetivas que lhes ensinamos. (GIRON, 2010, p. 58)

Segundo o autor, “as relações que se manifestam na escola entre os diferentes sujeitos constituem-se, desse modo, como um lugar de aprender, que requer o desenvolvimento de uma pedagogia da acolhida e da escuta do outro, o que implica reconhecer as diversidades dos modos de ser humano” (GIRON, 2010, p. 57). Para tanto, precisamos compreender que “entre um EU e um TU há um espaço que não é vazio, ao contrário, é o abrigo do NÓS, constituído da mistura de um

e de outro, como indivíduos imprescindíveis e complementares na disposição afetiva do reconhecimento pessoal” (SOUSA, 2010, p. 40).

A tarefa mais importante de uma pessoa que vem ao mundo é criar algo. É de nossa natureza social criar relações de interdependência que se tecem por ajuda mútua. É na presença de outras pessoas que nosso ser-no-mundo experimenta a mesmida e a alteridade. Ou seja, aquilo que a presença do outro, através da convivência, altera em mim. A presença do outro, como pessoa integrante e sujeito de experiência, em contato comigo, funde o encontro mutuamente afetivo. A experiência é a passagem da existência. A experiência é, em primeiro lugar, um encontro como algo que se experimenta no dia a dia, na relação de vida com o outro.

Quando se fala de vida e de cuidado como pressuposto de uma gestão educativa, é necessário levar em consideração a disposição ético-estético-afetivo da convivência que enxerga o outro como uma possibilidade (SOUSA, 2010). Nesse sentido, entende-se também que:

A identidade se forma e se conforma a partir dos vínculos afetivos. Ela se fortalece pelas vivências positivas que possibilitam ao ser humano uma relação amorosa com a natureza e com os seus semelhantes; pelo equilíbrio entre o seu mundo particular e as relações sociais. A identidade surge como o conjunto de qualidades essenciais que conferem ao indivíduo sua singularidade, mas que não é isolada, por isso depende do outro para se reconhecer. A identidade não é um dado fixo, mas permeável às interações culturais, afetivas, musicais, terapêuticas, entre outras. Por isso, dizemos que ela é paradoxal, ou seja, conserva a essência de cada indivíduo no mesmo movimento em que o transforma em outro. (SOUSA, 2010, p. 31)

Dentro do contexto escolar, nota-se a escola como um espaço social indispensável para todos. Um espaço onde as relações que se manifestam entre diferentes se constituem como lugar de aprender. A dimensão de ser escola requer “o desenvolvimento de uma pedagogia da acolhida e da escuta do outro, o que implica reconhecer as diversidades dos modos de ser humano” (SOUSA, 2010, p. 57).

Nesse sentido, o cuidado emerge como prática de relação consigo mesmo e com o mundo. Enquanto uma preocupação atrelada ao campo da educação, o cuidado ainda fica muito atrelado às práticas da educação infantil, noções clássicas da psicologia do desenvolvimento. No entanto, a formação do sujeito se inscreve como um processo cotidiano ao longo da vida, o que leva o cuidado a uma caminhada muito além da educação infantil. Ele se concebe como um modo particular de relação com a vida, o que faz que seus efeitos se estendam para todos os níveis de educação enquanto modo de ação transformadora de práticas sociais.

Não se pode entender a educação como projeto isolado, único, dissociado de práticas e redes sociais. A educação é desafiada a pensar projetos coletivos que se desenham entre as tensões do coletivo e do individualismo contemporâneo. Na educação, promover espaços e práticas de cuidado tensionadas por todas as mudanças de uma sociedade contemporânea é, antes de prática serena e tranquila, uma tarefa árdua, que carece de vivência no contexto escolar, familiar e comunitário. Elementos como atitudes, estilos afetivos, domínio e equilíbrio emocional são questões que

precisam ser levadas em conta, ainda que a escola esteja pouco habituada ou não considere relevante para uma boa convivência escolar, levando em consideração que esses elementos são contribuintes na formação e reformulação das identidades dos alunos enquanto sujeitos construídos em contextos de relação social.

Considerações finais

Estamos inseridos em uma sociedade onde as escolas começam, aos poucos, a assumir o importante papel na vida afetiva como condição necessária para compreender o mundo dos jovens enquanto sujeitos em construção também fora da escola. As portas das escolas se abrem para a diversidade cultural dos jovens lentamente. Acreditamos na necessidade de se compreender que é também na escola que os jovens constroem sua sociabilidade enquanto sujeitos sociais, culturais, históricos e afetivos.

O cenário escolar é um espaço compartilhado povoado por inúmeras culturas e saberes no qual surgem vínculos positivos e negativos, que poderão ser gerados, ou não, de situações de conflito. Se por um lado existe um mal-estar que gera desassossego e desconforto, por outro, ainda existe esperança. Freire (1992) não nega a desesperança como algo concreto e presente no mundo e as razões sociais e culturais que a explicam. No entanto, Freire acredita que a esperança é necessidade ontológica.

Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico. Não quero dizer, porém, porque esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade e, assim convencido, parto para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta. Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos de esperança crítica, como um peixe precisa de água despoluída. (FREIRE, 1992, p. 10)

Na leitura de Freire, “não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã” (FREIRE, 1992, p. 10). Pensar que a esperança por si só é capaz de transformar a escola e agir movido por essa ideia é um caminho excelente de tombar na desesperança e no fatalismo. A esperança, enquanto necessidade ontológica, precisa da prática para se tornar concretude histórica, só assim existe mudança.

Quando se pensa em um espaço escolar contemporâneo, é necessário pensar em identidades híbridas. Por trás de fronteiras, existem pessoas diferentes, com ideias diferentes e que podem viver juntas. A vida ensina que é possível viver com a diferença, respeitando e salvaguardando a diversidade e aceitando a diferença do outro. Fazer isso no dia a dia de maneira imperceptível é possível.

No livro **Confiança e Medo na Cidade**, Bauman (2009) lembra de um professor de antropologia que dizia que há muito tempo os antropólogos haviam descoberto um esqueleto fóssil de um humanoide que tinha somente uma perna. Os antropólogos acreditavam que uma perna havia sido quebrada na infância, e,

mesmo assim, suspeitava-se que o fóssil tinha trinta anos. O antropólogo concluía: “aquela devia ser uma sociedade humana, pois algo assim não aconteceria num bando de animais, em que uma perna quebrada poria um ponto final à vida, pois a criatura não teria mais condições de se sustentar” (BAUMAN, 2009, p. 51). De acordo com a leitura de Bauman (2009), diferente do bando de animais, os homens nasceram com qualidades de compaixão e cuidado, qualidades humanas.

Aparece, aqui, um desafio para ser lançado na sociedade contemporânea; levar a gestão do cuidado e da compaixão à esfera planetária. Não tão somente desafio da escola, mas um caminho que deve ser iniciado na família, na vila, no bairro, na cidade. É preciso compreender que a gestão do cuidado não é uma conquista, mas um processo de permanente trabalho no qual, provavelmente, não se alcançará a meta, mas que sempre será encorajado pela esperança de construir um planeta mais justo e fraterno, lugar onde seja menos difícil viver.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (orgs.). *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e Medo na Cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

_____. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Albertos Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. *Tempos líquidos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

_____. *Vida Líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Trad. GERHARDT, Klauss Brandini. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999

DAYRELL, Juez. *A escola faz as juventudes? reflexão em torno da socialização juvenil*. In: Educação e Sociedade, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

_____. *O jovem como sujeito social*. In: Revista Brasileira de Educação, n. 24 Set / Out /Nov /Dez 2003.

FREIRE, Paulo, SHOR, Ira. *Medo e Ousadia: o cotidiano do professor*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

FREITAS, Maria Virgínia de. (org.) *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005. Disponível em <http://www.est.edu.br/pos_graduacao/mpe/juventude.pdf>. Acesso em 20 de jun. 2008.

GIRON, Maria Francisca Rodrigues. As violências e seus contextos. In: ZAPELINI, Cristiane Antunes Espindola (Org.). *Módulo 2: violências*, Rede de Proteção e Sistema de Garantia de Direitos. Florianópolis: NUVIC-CEDUFSC, 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Ed. 10. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Trad. Therezinha Monteiro Deutsch. São Paulo: Monole, 2005.

ORTEGA, Rosario e REY, Rosario del. *Estratégias educativas para a prevenção da violência*. Brasília: UNESCO, UCB, 2002.

SOARES, Luis Eduardo. Juventude e Violência no Brasil contemporâneo. In: NOVAES, Regina; VANUNCHI, Paulo. *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 130-160.

SOUSA, Ana Maria Borges. *Gestão do cuidado e educação biocêntrica*. Florianópolis: UFSC-CED-Nuvic, 2010.

UNESCO. *Políticas públicas de/para/com as juventudes*. – Brasília: UNESCO, 2004.

Data de submissão: 2012-08-22

Data do Aceite: 2012-10-11